

POR QUE AS LÍNGUAS MUDAM?

CARLOS ALBERTO FARACO

Universidade Federal do Paraná

O fato de que as línguas mudam é inegável. Elas estão sempre em movimento no eixo do tempo, passando por sucessivas alterações na pronúncia, na morfologia, na significação das palavras, na organização das frases e no vocabulário.

Tomemos alguns fenômenos ocorridos na história do português para exemplificar essas várias possíveis alterações:

- (a) Na pronúncia ❶: no português brasileiro, a consoante lateral [l], no fim de sílaba, foi substituída, em praticamente todas as variedades, durante o século XX, pela semivogal [w]. Resultou daí que palavras como *mal* e *mau*, *calda* e *cauda*, *alto* e *auto* não se distinguem mais na fala. Essa mudança é, hoje, uma das marcas do português brasileiro em oposição ao português europeu, no qual ela não ocorreu.

Em Portugal, por seu turno, acelerou-se, no século XVIII, um processo fonético que alterou substancialmente a pronúncia das vogais átonas. Sua articulação foi se deslocando para a área mais alta da boca, a tal ponto que algumas dessas vogais chegaram a desaparecer. Assim, *necessário* é dito *nsário*; *telefone*, *tlefon*; *diferente*, *difrent*; *ferido*, *frido*. Essas alterações que alcançaram o vocalismo do português europeu o distinguem do português brasileiro, que preserva, em grande parte, o vocalismo anterior ao século XVIII.

- (b) Na morfologia: uma das mudanças mais marcantes da história do português foi a do sistema dos pronomes pessoais. A herança latina dos seis pronomes (*eu*, *tu*, *ele/ela*, *nós*, *vós*, *eles/elas*) foi alcançada por várias alterações que vieram a ter efeitos sobre a própria organização da frase. Primeiro, aconteceu o processo que resultou na criação do pronome de segunda pessoa *você* (que se tornou de uso quase universal no português brasileiro em lugar do pronome *tu*); segundo, o desaparecimento do pronome *vós* (e suas respectivas formas verbais), substituído por *vocês* ❷; e, mais recentemente, o uso, cada vez mais frequente, de *a gente* no lugar de *nós* ❸.

Dessas alterações, resultou uma diminuição do rol das formas verbais, considerando que *você* e *a gente* se combinam com a terceira pessoa singular do verbo. Num tempo como o presente do indicativo, as seis formas originais estão reduzidas, praticamente, a três (*eu canto*, *você/ele(a)/a gente canta*, *vocês/elas(as) cantam*); e, num tempo como o imperfeito do indicativo, a redução foi de cinco para duas (*eu*, *você*, *ele(a)/a gente cantava*; *vocês/elas(as)*

cantavam). A forma da primeira pessoa do plural (*nós cantamos/nós cantávamos*) continua corrente (em especial na escrita), mas vai perdendo força na fala.

- (c) Na significação das palavras ④: o verbo *ser*, no português medieval, variava com *estar* (nas construções locativas transitórias) e com *(h)aver* (nas construções existenciais). Dizia-se *Seendo o honrado padre en sa cela* ou *Estando o honrado padre en sa cela*; e *Na cidade d'Aconha, era huu bispo de gran santidade* ou *Na cidade d'Aconha (h)avia huu bispo de gran santidade*. Nos dois casos, o verbo *ser* perdeu, por volta do século XV, esses sentidos, que foram açambarcados integralmente por *estar* e *haver*, respectivamente. Posteriormente, já no português brasileiro, desencadeou-se nova mudança: o *haver* existencial foi amplamente substituído pelo verbo *ter*: *Na cidade d'Aconha, tinha um bispo de grande santidade*.
- (d) Na organização das frases ⑤: observa-se, desde os fins do século XIX, uma mudança na sintaxe do português brasileiro, qual seja: a ocorrência, em alta frequência, de pronomes pessoais na função de sujeito da oração, contrastando com estágios anteriores da história da língua que privilegiavam sujeitos ocultos (por exemplo, usamos com mais frequência frases do tipo *Nós gostamos de filmes franceses* do que *Gostamos de filmes franceses*).

Essa mudança é entendida como efeito das alterações do sistema de pronomes pessoais discutidas no item (b). Ou seja, como vários pronomes pessoais passaram a combinar com a mesma forma verbal (não há mais marcas pessoais específicas em boa parte das formas do verbo), foi se tornando necessário explicitar o pronome sujeito. Trata-se, em certo sentido, de um fenômeno semelhante ao que ocorreu na sintaxe do francês. Nesta o ciclo já se completou há bastante tempo, de tal modo que a presença do pronome sujeito é, hoje, um fato universal e categórico.

- (e) No vocabulário: os melhores exemplos de alteração, neste caso, vêm dos empréstimos ⑥. Há momentos na história em que se dá a entrada, no uso corrente, de um determinado lote de palavras de outra língua. Aconteceu, por exemplo, no português brasileiro, quando o futebol foi introduzido no Brasil. Dezenas de palavras do inglês passaram a circular entre os falantes (*referee, goalkeeper, corner, center-forward* etc.). À medida que o tempo foi passando, boa parte dessas palavras foi substituída por palavras do próprio português (*juiz, goleiro, escanteio, centro-avante* etc.), reconfigurando esse segmento específico do vocabulário.

Merece referência também outro caso que ocorreu na história do português. Na Renascença, nos séculos XV e XVI, foram incorporados, por via literária, vários termos do latim clássico, os chamados empréstimos eruditos. Com isso, várias palavras antigas do vocabulário foram abandonadas: *consirar*, *marteiro*, *usso*, *coima*, *cajom* etc. foram definitivamente substituídas por *considerar*, *martírio*, *urso*, *calúnia*, *ocasião* etc. 7

Fica claro, com todos esses exemplos, que as mudanças alcançam as várias faces da organização da língua e são contínuas e inexoráveis: não há, no fundo, como escapar delas. Mas são lentas, graduais e localizadas. Ou seja, elas não se dão abruptamente, do dia para a noite, nem alcançam a língua de forma global e integral. Vão ocorrendo gradativamente e afetando, a cada vez, apenas partes da língua, nunca sua totalidade.

Depois de um longo intervalo de tempo, o acúmulo das mudanças acaba por redesenhar profundamente a língua. Se nós, falantes de português, por exemplo, lermos hoje um texto escrito na nossa língua há, digamos, oitocentos anos, ficarão logo evidentes as muitas mudanças pelas quais ela passou nesse período.

Percebida a evidência das mudanças, é natural que levantemos a pergunta sobre o porquê de as línguas mudarem. A resposta primeira e mais óbvia é: elas mudam porque todas as realidades humanas mudam. O estranho seria, pois, se elas não mudassem.

Uma língua, porém, pode deixar de ser falada. O dálmata, por exemplo, que era uma língua românica falada na costa da atual Croácia, foi perdendo falantes frente à presença majoritária do croata e desapareceu nos fins do século XIX. Em casos como esse, a língua obviamente para de mudar. É, portanto, o uso continuado da língua nos milhões e milhões de eventos sociointeracionais que ocorrem no cotidiano das comunidades de fala que vai alterando sua configuração estrutural e lexical.

A língua não é, pois, um ente autônomo, com vida própria fora de seus falantes e de suas interações. Nesse sentido, podemos dizer que não é a língua que muda, mas são seus falantes, em suas incontáveis atividades de fala, que vão, contínua e progressivamente, alterando a língua.

Se a língua não muda por si e se é da dinâmica das interações sociais que surgem as mudanças, cabe perguntar como tudo começa e que fatores intervêm nesse complexo processo.

Neste ponto, temos de admitir que, apesar dos linguistas estarem estudando sistematicamente a mudança linguística há mais de duzentos anos, sabemos ainda muito pouco sobre isso. Não temos a menor ideia, por exemplo, de como uma mudança começa. Nunca foi possível, até agora, flagrar um momento desses. Assim, desconhecemos como se dá o pontapé inicial. Quando surpreendemos uma mudança, ela já está disseminada na comunidade de fala sem que consigamos identificar com exatidão sua origem e seu momento inicial.

Não sabemos se uma mudança é obra de um indivíduo e que propriedades e poderes ele deveria ter não só para fazer mudanças (e por quais razões as faria), mas também para induzir outros falantes a aceitarem e propagarem tais mudanças. Há aqui, ainda, um grande mistério.

Quando, no século XIX, as mudanças das línguas se tornaram objeto de interesse científico, os pesquisadores formularam hipóteses que — refletindo o contexto da época (muito marcado pelo desenvolvimento da psicologia como ciência) — atribuíram as mudanças a uma combinação de fatores psíquicos e fisiológicos. Pressupunha-se que toda mudança era ato não consciente (não deliberado) de um indivíduo e seria efeito de operações gerais do psiquismo e dos movimentos corporais envolvidos na fonação.

No entanto, diante da impossibilidade de estabelecer com precisão o início de uma mudança e de explicar de que modo ela, tendo uma origem individual, conseguia se propagar socialmente, chegou-se a estipular que uma mesma mudança poderia emergir, simultaneamente, em vários indivíduos não diretamente relacionados. Para tornar plausível essa hipótese do surgimento espontâneo, múltiplo e disperso de uma mesma mudança, era preciso considerar que as operações do psiquismo e os movimentos corporais eram de caráter geral e não exclusivos de um indivíduo específico. No deslindamento dessas generalidades, porém, nunca foi possível ir além da especulação.

Nessa mesma época, foi proposta também a hipótese de que a mudança teria sua origem no processo de aquisição da língua pela criança. Seria o cérebro infantil que faria reanálises dos dados que ouve, desencadeando, então, as mudanças. Assumia-se que, no desenvolvimento linguístico da criança, haveria sempre uma espécie de recriação não consciente da língua e, por isso, indutora de mudanças. De novo, faltava especificar que poderes e propriedades deveria ter a criança inovadora e como suas criações se difundiriam pela comunidade de fala.

Qualquer dessas perspectivas, mesmo que engenhosamente formuladas, nunca pôde ser empiricamente demonstrada. Apesar disso, parece óbvio que não podemos deixar de considerar que dimensões cognitivas são fatores intervenientes nos processos de mudança linguística. Afinal, a língua está assentada no cérebro de seus falantes; é para eles uma realidade cognitiva, seja em seu desenvolvimento, seja em seu uso. No entanto, esta é uma questão em aberto, aguardando que se descubra quais são os fatores cognitivos envolvidos e como eles funcionam efetivamente nas mudanças.

Por outro lado, é preciso considerar que o funcionamento da língua se materializa na grande rede de relações sociais constitutivas de uma sociedade. A língua, nesse sentido, é, antes de tudo, uma realidade sociocultural. E como as sociedades são altamente heterogêneas, as línguas também o são. Muitas vezes, pelo fato de darmos às línguas nomes singulares (português, tapirapé, suaíli, coreano etc.), podemos achar que elas são homogêneas. Mas isso não corresponde à realidade. As línguas são intrinsecamente heterogêneas. Isso significa dizer que cada uma delas é constituída de um grande conjunto de variedades sociais, geográficas, estilísticas.

À medida que os estudos linguísticos foram incorporando perspectivas analíticas de caráter sociológico e antropológico, foi ficando claro que a variação e o contato entre variedades da mesma língua e até entre línguas diferentes são também fatores condicionantes de mudança. Ou seja, os contatos realçam as diferenças e estas podem vir a desencadear mudanças. No entanto, há ainda, também aqui, um longo caminho a ser trilhado para explicitar com precisão como isso se dá.

Em suma, embora haja muitos aspectos nebulosos no nosso entendimento de por que as línguas mudam, temos claro que está envolvido nesse complexo processo um misto de fatores cognitivos e socioculturais cuja elucidação, contudo, continua a nos desafiar.

Mais recentemente, foram formuladas algumas hipóteses relativas a possíveis padrões gerais de mudança correlacionadas a processos cognitivos que estariam em operação em várias áreas da cognição humana e também, em tese, no uso linguístico. É ainda necessário, porém, formalizar essas hipóteses e testá-las empiricamente para verificar se abrem, de fato, novas perspectivas na investigação das causas e direcionalidades das mudanças. ③

Se há áreas em que nosso conhecimento ainda não avançou suficientemente, há também aspectos da mudança linguística que já estão bastante esclarecidos. Entre esses, está o fato de que as mudanças não resultam em aperfeiçoamento da língua, mas também não implicam em sua deterioração ou degeneração. As mudanças apenas se dão e, nesses processos, a língua nunca perde sua estabilidade estrutural (a que podemos chamar de plenitude formal) e nunca deixa de atender às necessidades cognitivas, expressivas e interacionais de seus falantes (ou seja, a língua nunca perde seu potencial semiótico). Há, sem dúvida, muitas razões para nos maravilharmos com tudo isso.

Outro fato bem conhecido é que as mudanças não acontecem ao mesmo tempo em todas as variedades. Os ritmos divergem de tal forma que, num recorte temporal determinado, serão sempre perceptíveis diferentes estágios de difusão das mudanças. Por outro lado, a substituição de uma forma antiga por uma nova passa sempre por fases intermediárias. Há momentos (em geral, longos) em que as duas formas coexistem como variantes; depois há momentos em que se desencadeia uma competição entre elas, seguida do desaparecimento de uma e da implantação definitiva da outra. Um exemplo bastante interessante e bem próximo dessa situação é a difusão da forma inovadora *a gente* em substituição ao pronome *nós* no PB. Observa-se, pelos estudos sociolinguísticos, que o processo está mais avançado em capitais como João Pessoa, Vitória e Porto Alegre e é mais lento em Belo Horizonte e Curitiba.

Em decorrência dessa dinâmica da difusão, é metodologicamente possível hoje identificar indícios de uma mudança em progresso por meio de uma correlação entre faixas etárias e a ocorrência de determinadas variantes. A predominância de uma variante entre os falantes mais jovens e sua pouca (ou nula) ocorrência entre os mais velhos pode estar indicando que uma variante mais antiga está sendo abandonada em favor de outra. É isso que os sociolinguistas brasileiros têm apontado no caso da expansão do uso de *a gente* em lugar do pronome *nós*. As duas variantes estão ainda coocorrendo, mas há sinais de que se trata efetivamente de uma mudança em progresso porque, em relação às faixas etárias, o *nós* é favorecido entre os idosos; as duas formas estão em distribuição equilibrada nos adultos e a forma inovadora é amplamente favorecida entre os jovens ⑨.

Por fim, é importante dizer que, embora as mudanças sejam inevitáveis, há movimentos socioculturais que buscam retardá-las. Isso,

claro, tem alcance muito restrito: vale apenas para certas variedades passíveis de uso mais controlado. É o caso daquelas que são próprias da escrita mais formal. Criam-se, então, instrumentos, como dicionários e gramáticas normativas, com o objetivo de cristalizar determinadas formas e tentar impedir que elas mudem. É, no fundo, uma quimera. Mesmo aí as mudanças que se espraíam pela fala vão se instalando sinuosa e irreversivelmente.